

A sinodalidade é missionária

Sinodalidade e missão estão intimamente ligadas (cf. *Instrumentum Laboris* para a segunda sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária, programada de 2 a 27 de Outubro de 2024, nº 9). São duas atitudes, que devem andar de mãos dadas pelo bem do Reino. **A sinodalidade é missionária e a missão é sinodal.**

Desde o início da Igreja que a sinodalidade e a missão estão interligadas, como testemunham os *Actos dos Apóstolos*. Recordem-se três momentos cruciais em que o espírito sinodal foi determinante para ultrapassar as vicissitudes que a comunidade enfrentava e abri-la à missão: a escolha de Matias para substituir Judas (*Act 1, 12-26*), a crise que levou à escolha dos diáconos e, por conseguinte, ao aparecimento de um novo ministério, para o serviço dos pobres (*Act 6, 1-7*) e o Concílio de Jerusalém (*Act 15, 1-22*), onde houve um esclarecimento doutrinal que confirmou efectivamente a universalidade da missão da Igreja.

Começamos pelo processo da substituição de Judas. A assembleia, de “cerca de cento e vinte pessoas”, motivada por Pedro, recorre à oração e às sortes para escolher Matias para completar o colégio dos apóstolos e “ser testemunha da ressurreição”. **As decisões são tomadas em espírito sinodal para o bem da missão.**

No segundo episódio mencionado, “com os discípulos a aumentar tão rapidamente em número”, surgiram murmúrios de descontentamento pela discriminação a que eram sujeitas as viúvas de origem grega. Na “reunião (dos Apóstolos) com a assembleia dos discípulos” foram escolhidos sete homens “com boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” que “foram apresentados aos apóstolos, que



oraram por eles e os abençoaram, pondo sobre eles as mãos.” **A missão ganhou clareza e eficácia:** o serviço dos pobres foi assegurado por estes diáconos; os Apóstolos ficaram livres para dedicar-se “à oração, pregação e ensino”; e “a palavra de Deus era pregada a um auditório cada vez maior e o número dos discípulos aumentava enormemente em Jerusalém.”

A outra grande crise que a Igreja primitiva enfrentou, que podia ter levado a um cisma e comprometido irremediavelmente a natureza da comunidade e a missão, foi decidida numa grande reunião das forças vivas da Igreja, a que se chamou o Concílio de Jerusalém. Os missionários Paulo e Barnabé conseguiram fazer valer o ponto de vista dos novos chegados á fé diante dos judaizantes e, por isso, **nessa reunião magna foi decidido libertar os gentios convertidos ao cristianismo da obrigação de adotar algumas das práticas antigas da Lei Mosaica**, como a da circuncisão, para poderem ser salvos. A Carta Apostólica que foi enviada aos cristãos da Síria e Cilícia (*Act 15, 23-29*), esclarece que se trata de uma decisão tomada pelos “apóstolos e os anciãos”, com o beneplácito divino. Aquietadas as divergências de ordem doutrinal, a missão prosseguiu com vitalidade e entusiasmo, com a partida de Paulo e Barnabé para o seu segundo périplo missionário.

A sua base é Antioquia na Síria, onde os discípulos tinham dado nas vistas e “foram, pela primeira

vez, chamados cristãos” (*Act 11, 26*). Antioquia torna-se um centro missionário *ad gentes*. A comunidade, com os seus vários carismas e no exercício da sinodalidade, escolhe e envia Paulo e Barnabé, que no regresso reportam sobre o seu ministério.

A interligação entre a sinodalidade e a missão deve ser mantida para evitar a auto-referencialidade da Igreja e que todo o processo de discussão em curso não passe de uma operação de cosmética que não ajude a Igreja a ser aquilo que deve ser, uma Igreja “em saída”. O exercício de escuta dos vários sectores eclesiais, se não é um exercício para “inglês ver”, deve levar a uma **mudança de mentalidade e a uma maior corresponsabilidade missionária da parte de todos.**

A sinodalidade tem também algo a dizer sobre a missão, que, como diz o Padre Xaveriano Mario Menin, “é sempre descrita no Novo Testamento como uma acção partilhada, plural e comunitária, na qual o ‘nós’ prevalece sobre o ‘eu’, o todo sobre o indivíduo. (...) A Igreja, por sua natureza missionária, é enviada *ad extra* – para fora de si mesma – não individualmente, mas colectivamente, comunitariamente. Por isso, também se pode dizer que a missão é sinodal, tanto na sua origem trinitária como na sua expressão eclesial, onde o mandato missionário não é confiado a particulares – e nem mesmo a grupos de religiosos especificamente missionários, como acontecerá no regime da cristandade –, mas a todos os discípulos de Jesus: ‘Ide, então, e fazei discípulos de todas as nações...’ Para não perder a bússola, em um mundo cada vez mais interconectado, a todos os níveis, a Igreja deve ser mais sinodal também no anúncio do Evangelho.” ✨



O Missionário Comboniano P. Juan González Nuñez, na Etiópia, entre o povo Gumuz.

A Identidade e a missão das OMP

As Obras Missionárias Pontifícias (OMP) – a nível diocesano e nacional – são uma família e fazem parte da Igreja. Não são versos soltos de uma canção, mas são o rosto visível da sua tarefa evangelizadora em todo o mundo, na medida em que vivem em comunhão.

A minha partilha focará três aspectos: 1) As OMP como uma família e um carisma na e da Igreja; 2) As OMP de Espanha na perspectiva universal; e 3) A importância dos Directores Diocesanos das OMP.

1. As OMP: uma família e um carisma na e da Igreja

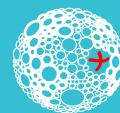
O nosso carisma manifestou-se em quatro iniciativas, que são as quatro Obras. Os Estatutos insistem no facto de que as OMP são uma única e mesma instituição. A divisão em quatro obras é apenas uma expressão das diferentes tarefas da única família.

Diria o mesmo em relação às diferentes direcções nacionais: cada

uma delas goza de uma certa autonomia, para se adaptar à cultura, à língua e às tradições, bem como à legislação do país em que trabalha. Todavia, nós fazemos parte de um todo, que são as OMP e a Igreja.

Parece-me que isto é muito importante: se não fosse assim, poderíamos tornar-nos apenas mais uma ONG que ajuda os países pobres ou mesmo a Igreja em países com menos recursos. Essas ONG existem, são boas e fazem um trabalho bonito e necessário; têm o seu carisma e a sua história, mas poderiam não existir! Surgiriam outras que as poderiam substituir e até fazer um trabalho melhor. As OMP não são uma fundação, não são uma ONG. Existem para

que a Igreja nos territórios que ainda dependem do Dicastério para a Evangelização possa realizar a sua pastoral sem demasiados constrangimentos económicos: a evangelização e a formação da fé, a atenção aos agentes pastorais e a possibilidade de chegar a todas as pessoas. As OMP ajudam a Igreja a existir como tal nesses territórios, o que nenhuma outra ONG no mundo faz. De facto, mesmo as subvenções extraordinárias são essencialmente pastorais, porque sabemos que só a evangelização gera desenvolvimento. As OMP não são algo que a Igreja “tem” ou algo que a Igreja “faz”: elas manifestam o que a Igreja “é”. **As OMP são a Igreja, são o instrumento**



que o Santo Padre tem – por isso se chamam Pontifícias – para tornar possível o seu empenhamento missionário e evangelizador.

As OMP poderiam ter outro nome, mas não poderiam deixar de existir. De facto, S. Paulo VI dizia que, se não existissem, teriam de ser criadas. São uma parte da Igreja e não uma parte qualquer, porque, como o Papa Francisco quis sublinhar na Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*, a evangelização é a prioridade das prioridades, a razão de ser da existência da Igreja, e mesmo do seu ministério, e por isso se colocou à frente do Dicastério que tem a seu cargo esta tarefa, da qual as OMP são uma parte imprescindível.

2. As OMP espanholas na perspectiva universal

Eu, como Director Nacional das OMP em Espanha, faço parte desta parcela da Igreja; não sou o director de uma coisa bonita e boa que faz muito bem; sou a pessoa em quem a Santa Sé, através do Pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, Cardeal Luís Antó-

nio Tagle, designou para representar, ou seja, para tornar presente, esse instrumento que o Papa tem para levar a cabo a tarefa de chegar aos confins da terra.

Por isso, a primeira ideia que me vem ao coração para exprimir a identidade de uma Direcção Nacional é a de estar unida àqueles que dirigem e a quem é confiado o trabalho que as OMP realizam no mundo, nomeadamente o Presidente e os Secretários Internacionais.

Isto parece teórico e abstracto, mas tem consequências muito práticas, concretas e enriquecedoras. Para começar, ao aceitar esta missão que me foi confiada pela Igreja, comprometi-me a viver o espírito e o carisma das quatro Obras, expresso nos estatutos. Aceito fazer parte desta engrenagem que cons-

“
As OMP não são algo que a Igreja “tem” ou algo que a Igreja “faz”: elas manifestam o que a Igreja “é”.
”

titui um todo e que se manifesta numa única realidade.

Esta unidade é também importante para exprimir algo que todos nós, pelo menos teoricamente, conhecemos muito bem: a Igreja é católica, universal. Onde quer que haja um cristão, um baptizado, está a Igreja, estamos todos lá. O dinheiro que é enviado para uma determinada diocese ou para um determinado projecto, a pedido do Secretariado Internacional, não é a Espanha a enviá-lo, mas a Igreja! Não são projectos subsidiados pela Espanha, mas pelas OMP. Portanto, não me considero dono dos projectos: não são os meus projectos, mas das OMP, isto é, da Igreja, e confio plenamente que aqueles que estudam e aprovam os diferentes projectos, procuram fazê-lo com a maior competência e transparência, e confiam em mim para organizar o meu trabalho e o trabalho das OMP em Espanha. Por isso, gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos os que trabalham nas OMP em Roma, aos que têm uma responsabilidade séria e aos que têm um trabalho



A Obra da Infância Missionária, em Espanha, recolhe 2,5 milhões de euros para apoiar projectos com crianças em todo o mundo.

MISSÃO e Espiritualidade

escondido e silencioso que não é valorizado nem brilha.

Pela razão evocada, nunca viestei projectos financiados por nós. Precisamente porque, embora seja um projecto financiado “por” Espanha, não é um projecto “de” Espanha: é um projecto das OMP, de todas as OMP, e a elas devemos tudo o que se faz nos 1224 chamados territórios de missão. É verdade que peço a quem ajudamos cartas, vídeos e fotografias que me são úteis para a animação missionária, mas que também podem ser úteis a outras direcções nacionais.

Por todas estas razões, tenho uma enorme liberdade para utilizar, na animação missionária que faço, material relativo a projectos financiados em qualquer parte do mundo e por qualquer país do mundo, mesmo que o dinheiro não tenha vindo de Espanha. Se mostro um determinado projecto, não é porque o subsidiámos a partir de Espanha, mas porque as OMP o realizaram e eu faço parte dessas OMP!

Neste ponto, gostaria de realçar que os materiais que produzimos em Espanha, os fazemos o melhor que podemos e sabemos, pensando em poder oferecê-lo ao resto das direcções nacionais. Especialmente, como é natural e lógico, às direcções nacionais da OMP da América Latina e da Guiné-Equatorial, que são nossas irmãs e com as quais nos sentimos especialmente unidos pela língua, cultura e história. Antes de usar o material que produzimos, mostramo-lo a estas direcções para que o conheçam e o possam utilizar livremente, mudando o logótipo, os nomes, as contas correntes... Só lhes pedimos para não os publicarem antes de nós.

O facto de saber que faço parte da Igreja Católica, ajuda-me a abrir o meu coração e a minha mente ao mundo inteiro. Mesmo que este ano não seja a minha vez de ajudar um país específico, isso não significa que esse país, essa situação, essa necessidade não me diga respeito. Sou católico e isso significa que tudo e todos me dizem res-



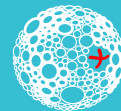
Um novo seminário no Vietnam pode albergar mais de 200 seminaristas.

“**Vejo as OMP como uma grande família, na qual a mãe, vendo as necessidades de cada filho, distribui o que tem entre todos, procurando fazê-lo de forma justa e de acordo com as suas necessidades.**”

peito. **Como dizia o Beato Paolo Manna: “toda a Igreja para todo o mundo.”** É nisto que o Papa Francisco insiste continuamente: sair de nós próprios e ir ao encontro de todos, de todos, de todos... porque Cristo veio para salvar a todos.

Posso dizer-vos com toda a sinceridade que isso me trouxe alguns aborrecimentos ou problemas. **Espanha tem a sorte de ter quase oito mil missionários espalhados pelo mundo.** Na sua maioria são religiosos e religiosas, mas também sacerdotes e leigos, alguns com as suas famílias. É uma grande alegria estar com eles e saber o que fazem. Estão nos cinco continentes e nos mais variados sítios e ocupações. Quando nos visitam, quando sabemos que estão em Espanha para férias, assuntos familiares ou consultas médicas, procuramos estar com eles, ouvi-los e pedir a sua colaboração! Ajudam-nos imenso

na animação missionária, dando o seu testemunho, visitando escolas, paróquias, meios de comunicação social... São muito generosos. Mas, por vezes, criticam-nos por pedir-lhes ajuda para a animação missionária e não lhes dar qualquer apoio financeiro para os seus projectos. Quando nos apresentam estes projectos impressionantes das suas missões, encaminhamos-os para as ONG que os podem ajudar, e encorajamo-los a apresentar estes projectos aos Secretariados Internacionais das OMP, fazendo-os perceber que não temos o poder de distribuir o dinheiro, porque o dinheiro não é nosso, não nos cabe dispor dele, mas sim colocá-lo à disposição da Igreja, ou seja, do Santo Padre, através do Dicastério para a Evangelização, e dos responsáveis das diferentes Obras, para que decidam como distribuir o dinheiro recolhido, de



forma equitativa e responsável. Por vezes não entendem bem e dizem-nos coisas que não são muito simpáticas. Todavia, se fôssemos atender aos projectos dos missionários espanhóis, não daríamos a Roma quase nenhum dinheiro, e, por outro lado, o que aconteceria aos religiosos, sacerdotes e leigos autóctones dessas igrejas, que não têm o apoio de uma direcção nacional nem a capacidade de recorrer a terceiros? Haveria ricos e pobres! E os ricos seriam os estrangeiros! **Vejo as OMP como uma grande família, na qual a mãe, vendo as necessidades de cada filho, distribui o que tem entre todos, procurando fazê-lo de forma justa e de acordo com as suas necessidades.**

Por isso, compreendo muito bem a proposta de que não gastemos mais do que 15% das receitas para a nossa própria subsistência: despesas de administração e de animação missionária, e assim possamos pôr o resto, 85%, à disposição dos Secretariados Internacionais. Isto implica sacrifícios, porque, por vezes, são-nos oferecidas oportuni-

dades que nos parecem boas, mas que não podemos aceitar para não incorrer em despesas que perturbem as nossas contas! Para isso, também pedimos às administrações diocesanas que mais contribuem para que não gastem mais de 10% do que recolhem, e às mais pequenas ou mais pobres, que não gastem mais de 20%. Graças a Deus, elas são geralmente muito fiéis a este pedido e tentam, de todas as maneiras possíveis, ser sóbrias nas suas despesas.

Com isto penso deixar claro como é importante para mim saber que faço parte da Igreja e de uma instituição que está ao serviço do Santo Padre. Por isso, não me envergonho de estar à frente de uma instituição Pontifícia... Porque eu sou Igreja, e **a minha principal missão é abrir o coração dos meus compatriotas à evangelização que a Igreja está a levar a cabo em todo o mundo!**

Outra das verdades fundamentais do nosso modo de proceder é que não somos uma mera instituição de angariação de fundos,

embora seja obviamente importante angariar fundos, pois muitas vezes deles depende a realização das tarefas pastorais ordinárias de uma grande parte do mundo. A abordagem é sempre a mesma: fazer do nosso povo, dos nossos cristãos, um povo com consciência missionária. É por isso que **a primeira preocupação do meu trabalho em Espanha é a animação missionária: ajudar os crentes a saber que são missionários onde estão e que eles, com a sua oração, com a oferta da sua cruz e com a sua doação, são missionários!** Eles fazem parte da missão, não se limitam a subsidiar projectos. Através da comunhão dos santos, estão a participar na missão da Igreja! Não ressoa aqui o compromisso do Santo Padre de tornar a Igreja mais sinodal? E, como dizia Santa Teresa de Calcutá: “Eu posso fazer coisas que tu não podes, tu podes fazer coisas que eu não posso; juntos podemos fazer grandes coisas.” Isto leva-nos a envolver todos, porque **todos têm um papel importante na tarefa missionária da Igreja**, todos fazem parte da missão: as crianças, os doentes, as religiosas contemplativas, os casais, os sacerdotes, os religiosos e religiosas activos, os adolescentes, os pobres, os idosos e os jovens...

Nenhum deles é tão pobre que não possa dar, nem tão rico que não precise dos outros: por isso tentamos chegar a todos para que rezem, ofereçam algum sacrifício, transmitam notícias missionárias a outros, promovam marchas ou adorações, dêem um donativo ou motivem outros a dá-lo... Uma curiosidade anedótica: até os defuntos nos apoiam! Desde há alguns anos, que recebemos também donativos de defuntos porque, nos seus testamentos, nos deixaram dinheiro ou bens!...

A animação missionária, procurando chegar e contar com todos, leva muitos jovens, e alguns não tão jovens, a envolverem-se directamente na missão, mesmo que por um curto período de tempo. **Estimamos que cerca de 10 mil**



As OMP de Espanha, em 2023, recolheram mais de 17 milhões de euros, para a OPF.

jovens saiam de Espanha todos os verões para ajudar nos territórios de missão, a maioria deles ligados a institutos religiosos, mas também a universidades, a paróquias e às direcções diocesanas das OMP. Procuramos dar-lhes formação e espiritualidade para que não tenham apenas umas férias solidárias, mas uma verdadeira experiência de fé, esperança e missão. Alguns destes jovens descobriram a sua vocação missionária e decidiram dedicar pelo menos alguns anos à missão. Este Inverno, duas jovens, uma de 25 e outra de 28 anos, partiram de Madrid para o Peru, uma para o Vicariato de San José e outra para o Vicariato de San Ramón. E no dia 12 de Outubro, duas jovens, uma de 25 e outra de 27 anos, vão casar-se, e a sua lua de mel durará pelo menos 5 anos na Tanzânia... São pequenas coisas que fazem com que os cristãos saibam que fazem parte da missão e nela colaborem generosamente.

3. A importância dos Directores Diocesanos das OMP

O que estou a dizer como Director Nacional, não seria possível de fazer sem a ajuda dos Directores Diocesanos das OMP. Em cada diocese há um, escolhido pelo Ordinário local. Em muitos casos são missionários retornados: padres, freiras ou leigos... Eles são o potencial da animação missionária. Nós preparamos os materiais, propomos as actividades, fazemos a promoção através dos meios de comunicação social nacionais, mas são eles que visitam as paróquias e as escolas, contactam os conventos de clausura, os seminários diocesanos e os meios de comunicação social regionais... Interagem com os responsáveis diocesanos da educação, da catequese, dos meios de comunicação social, da infância e juventude, da pastoral da saúde... e partilham a nossa missão. As actividades que realizam são de animação missionária. Sou convidado a participar em muitas dessas actividades.

É interessante que no México, as



Reunião de Directores Diocesanos, os grandes animadores da Igreja local.

“
O papel dos Directores Diocesanos não é o de ser a minha “longa manus”, mas o de tornar a Igreja missionária presente nas suas dioceses.
”

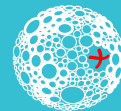
Obras Missionárias Pontificias sejam também chamadas Episcopais. Efectivamente, as OMP nasceram com uma vocação diocesana, para servir as dioceses na animação missionária e no compromisso que os bispos diocesanos têm de atender e cuidar das Igrejas irmãs mais jovens... Em Espanha há uma anedota divertida sobre isso. Há quase um século, o nosso primeiro director nacional, o Padre Sagarmínaga, que trabalhou muito para criar uma forte rede de apoio à missão nas nossas Igrejas locais, pediu autorização para falar sobre as Obras numa diocese. O bispo disse-lhe, meio a brincar, meio a sério: “Lá estás tu com as tuas missões!...”, ao que ele respondeu: “Com as minhas não, bispo; com as suas.”

O papel dos Directores Diocesanos não é o de ser a minha “longa manus”, mas o de tornar a Igreja missionária presente nas suas dioceses. Cabe-lhes ‘perseguir’ os seus bispos para que não esqueçam a dimensão missionária, criar e promover grupos paroquiais e diocesanos de animação missionária, lançar actividades

de angariação de fundos, visitar o Seminário Diocesano para tornar presente a missão, estar presentes nos meios de comunicação diocesanos e locais...

É verdade que nem todos os directores diocesanos das OMP têm o mesmo interesse pela animação missionária, e nem todos têm o mesmo apoio dos seus bispos, mas tentamos remar todos juntos ao mesmo tempo. Há 70 dioceses com 70 directores diocesanos. Temos uma Assembleia anual, na qual participam praticamente todos, juntamente com os bispos da Comissão Episcopal das Missões da Conferência Episcopal Espanhola. São três dias intensos de formação, partilha, oração e a propor desafios. Garanto-vos que é muito enriquecedor, embora alguns sejam também muito críticos em relação ao que fazemos e não nos digam coisas muito simpáticas.

Em todas as actividades que desenvolvemos – tanto na animação missionária como de organização e programação, tanto a nível diocesano como nacional – contamos com os missionários e as instituições missionárias de Espanha. Os missionários espanhóis que regressaram da sua missão são um enorme tesouro para o nosso trabalho, assim como aqueles que estão de passagem e no-lo comunicam. Além disso, a Comissão Episcopal das Missões da Conferência Episcopal exortou os institutos nascidos para a evangelização e presentes em Espanha a



unirem-se num organismo de coordenação chamado Serviço Comum de Animação Missionária. São cerca de 30, entre os quais estão os Missionários Combonianos, os Missionários Espiritanos, as Franciscanas Missionárias de Maria, os Carmelitas Missionários, o Instituto Espanhol das Missões Estrangeiras, a Obra Secular de Cooperação Apostólica Hispano-Americana, os Missionários Xaverianos... entre outros. E um outro organismo de coordenação, chamado Organismo de Coordenação das Associações de Leigos Missionários, que reúne os grupos de leigos missionários presentes em Espanha. A eles se recorre quando se programam as actividades de animação missionária das dioceses, por ocasião do Dia Mundial das Missões ou por ocasião do Padroeiro das Missões, S. Francisco Xavier, por exemplo. Mas também fazem parte das estruturas que as Obras Missionárias Pontifícias têm tanto a nível nacional como diocesano.

Quanto a Assembleias, temos o Conselho Nacional das OMP, composto por diocesanos que representam as diferentes zonas em que se divide a Espanha, num total de 15 directores. Reunimo-nos uma vez por trimestre para avaliar o trabalho realizado desde a última reunião e planear o trabalho até à reunião seguinte.

A nível nacional temos quatro secretariados, um por cada Obra, que se reúnem uma vez por trimestre. Eu, como Director Nacional, sou responsável por todos os quatro, mas em cada um deles há uma pessoa que trabalha comigo na Direcção Nacional como secretário. Em cada um dos secretariados, há quatro directores diocesanos, escolhidos entre eles, e alguma outra pessoa que achamos que pode ajudar o secretariado. Cada secretariado prepara as Jornadas, os materiais e as reuniões que dependem de cada um deles.

Para além do Conselho Nacional e destes quatro secretariados, existem três Conselhos: um para a comunicação, um para a juventude e um para os assuntos económicos.

Eu presido a todos eles e sou assistido por uma pessoa que trabalha comigo como secretário. Reunimo-nos de três em três meses e, tal como nos secretariados, temos também quatro directores diocesanos em cada um deles, para além das pessoas que achamos que nos podem ajudar naquilo que cada um destes conselhos estuda e planeia.

Conclusão

Como Director Nacional de Espanha, conto com 70 directores diocesanos com os quais me reúno uma vez por ano, mas em cada trimestre encontro-me com 43 deles, porque são membros do Conselho Nacional, do Secretariado da Propagação da Fé, do Secretariado da Infância Missionária, do Secretariado de São Pedro Apóstolo, do Secretariado da União Missionária Pontifícia, do Conselho da Juventude, do Conselho dos Assuntos Económicos ou do Conselho da Comunicação.

Para além da Assembleia dos Directores Nacionais, temos dois outros encontros anuais importantes. Em ambos, como no caso da Assembleia, organizamo-los em conjunto com a Comissão Episcopal das Missões da Conferência Episcopal. Em Fevereiro, normalmente, temos um encontro para os trabalhadores e voluntários das direcções diocesanas da OMP em Espanha. Dura dois dias e aproveitamos para nos conhecermos e partilharmos o que fazemos. Normalmente juntam-se cerca de oi-

tenta ou noventa pessoas.

O outro é o Encontro da Juventude Missionária. Este ano celebrámos a sua vigésima edição. Reúne jovens dos 18 aos 35 anos, num fim-de-semana intensivo, em que rezamos, partilhamos experiências, trazemos o testemunho de missionários, damos alguma formação... reúne cerca de 120 pessoas, por falta de espaço.

Como pudesdes constatar, as Obras Missionárias Pontifícias em Espanha trabalham em grande unidade com a Conferência Episcopal Espanhola, e mais concretamente com a sua Comissão Episcopal das Missões e Cooperação com as Igrejas. De facto, desde o ano 2000, o Director Nacional das OMP é também o secretário da Comissão. Isto demonstrou que o trabalho de ambas as instituições é complementar. Pessoalmente, admito que, por vezes, me é muito difícil conciliar as duas coisas, e isso cria conflitos de agenda e de calendário, mas faço-o o melhor que posso e sei!

Creio que com o que disse expressei a forma de ver e entender as OMP em Espanha, e confio que este testemunho possa servir para o bem da nossa família missionária. Muito obrigado pela vossa atenção e paciência! ✨

Padre José María Calderón*
Director das OMP em Espanha

* Conferência feita em Roma, durante a Assembleia Geral das OMP, em Maio de 2024.



P. José María Calderón, Director Nacional das OMP, em Espanha.

À descoberta da Igreja da Amazônia

Após o Sínodo dos Bispos de 2019 sobre a Amazônia, o Papa Francisco publicou as suas reflexões na forma de uma exortação apostólica; é o seu quinto documento, depois da *Evangelii Gaudium* (2013), *Amoris Laetitia* (2016), *Gaudete et Exsultate* (2018) e *Christus Vivit* (2019). Originalmente escrito em espanhol, *Querida Amazônia* foi traduzido para muitas línguas.



Papa Francisco com indígenas durante a sua visita ao Brasil.

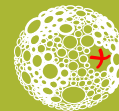
A *Querida Amazônia*, publicada em 2 de Fevereiro de 2020, tem uma extensão modesta (16 mil palavras) e está dividida em 111 números, distribuídos por quatro capítulos. Cada capítulo centra-se num dos “quatro grandes sonhos” que a Amazônia inspira a Francisco; os seus sonhos são de cariz social, cultural, ecológico e eclesial. Desde que houve uma ênfase renovada nos sínodos, que emergiram na era do Vaticano II, este é o primeiro a centrar-se num território ecológico distinto. A região amazónica tem cerca de 34 milhões de habitantes, incluindo três milhões de indígenas de quase 400 grupos étnicos; o território abrange nove países diferentes.

Quatro sonhos. O próprio Papa Francisco fornece uma visão sucinta do documento; ele resume os seus quatro sonhos no número da introdução. **Social:** “Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.” **Cultural:** “Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.”

O Papa continua a destacar os seus sonhos: **Ecológico:** “Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbor-

dante que enche os seus rios e as suas florestas.” **Eclesial:** “Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que dêem à Igreja rostos novos com traços amazónicos.” Estes sonhos são elaborados de forma muito artística e literária, recorrendo frequentemente à poesia indígena original.

Intuições sociais. Francisco está profundamente preocupado com a gestão ambiental e ecológica, não só da Amazônia, mas do mundo inteiro; “a missão que Deus nos confiou a todos [é] cuidar da Casa Comum” (19). “A luta social implica capacidade de fraternidade, um espírito de comunhão humana.” (20).



O diálogo social é necessário em todo o mundo, não apenas na Amazônia. O Papa Francisco afirma: “Se queremos dialogar, devemos começar pelos últimos... (Eles) são os principais interlocutores, dos quais primeiro devemos aprender... A sua palavra, as suas esperanças, os seus receios deveriam ser a voz mais forte em qualquer mesa de diálogo...” (26). De facto, “é necessária uma voz profética e, como cristãos, somos chamados a fazê-la ouvir.” (27).

Sonhos culturais. O Papa Francisco propõe uma abordagem cultural holística na missão da Igreja, afirmando que há uma necessidade urgente de “assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas” (40). Ele fala de forma muito pessoal: “Convido os jovens da Amazônia (...) a assumir as raízes, pois das raízes provém a força que [os] fará crescer, florescer e frutificar” (33). “É a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças compartilhadas” (37). A missão da Igreja procura promover

uma autêntica diversidade, incorporando “o diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança” (38).

Perspectivas ecológicas. Como cristãos, temos a obrigação de “cuidar dos nossos irmãos e irmãs e do ambiente”, porque “ao lado da ecologia da natureza, existe uma ecologia que podemos designar ‘humana’, a qual, por sua vez, requer uma ‘ecologia social’” (41). “Abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro” (42).

O Papa Francisco acredita que os povos indígenas podem ensinar-nos a praticar a “profecia da contemplação” (53), entrando em comunhão com o mistério da natureza; “podemos amá-la, e não apenas usá-la” (55). Somos chamados a evitar “um estilo de vida consumista” que “só poderá provocar violência e destruição recíproca” (59). “Despertemos o sentido estético e contemplativo que Deus colocou em nós” (56)!

Contribuições eclesiais. O Papa sublinha repetidamente a tarefa da Igreja de inculturar o Evangelho, porque “uma fé que não se torna cultura é uma fé não de modo pleno acolhida, não inteiramente pensada, nem com fidelidade vivida” (67). Na sua missão, a Igreja deve procurar capitalizar a religiosidade popular dos povos indígenas (77-80). O Sumo Pontífice acredita que “na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se” (78). Este esforço resultará numa “espiritualidade insculturada” (79).

Outras perspectivas. Em *Querida Amazônia* encontram-se muitas e profundas reflexões sobre a Eucaristia, a mulher, a santidade e a revelação de Deus através de “dois rostos humanos: o de Seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria” (101). Amigos, descubram e desfrutem de mais um “tesouro do Papa Francisco”! ✦

Padre James Kroeger
Missionário Maryknoll



Foto: Soraya Montanheiro

Romaria Fluvial em honra da Virgem de Nazaré, Padroeira do Pará, Rainha da Amazônia.

Ser apóstolos numa Igreja Apostólica

Todos somos apóstolos, por chamamento divino, numa Igreja que é apostólica. No âmbito da unidade da missão, a diversidade de carismas e ministérios não deve dar lugar, no seio do corpo eclesial, a categorias privilegiadas. Todos somos iguais em dignidade e ninguém está acima dos outros: todos devemos estar ao serviço dos outros.



Envio dos 72 Discípulos, por James Tissot.

Continuamos as catequeses sobre a paixão de evangelizar: não apenas sobre “evangelizar”, mas sobre a **paixão de evangelizar** e, na escola do Concílio Vaticano II, procuremos compreender melhor o que significa ser “apóstolo” hoje. A palavra “apóstolo” traz-nos à mente o grupo dos Doze discípulos escolhidos por Jesus. Às vezes chamamos “apóstolo” a alguns santos ou, mais genericamente, aos bispos: são apóstolos, pois vão em nome de Jesus. Mas estamos conscientes de que ser apóstolo se refere a cada cristão? Estamos cientes de que se refere a cada um de nós? Com efeito, somos chamados a ser *apóstolos* – isto é, enviados – numa Igreja que, no Credo, professamos como *apostólica*.

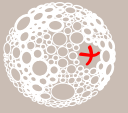
Por conseguinte, o que significa ser apóstolo? Significa *ser envia-*

do para uma missão. Exemplar e fundacional é o acontecimento em que Cristo Ressuscitado envia os Seus apóstolos ao mundo, transmitindo-lhes o poder que Ele próprio recebeu do Pai e oferecendo-lhes o Seu Espírito. No *Evangelho de João* lemos: «Disse-lhes Jesus de novo: “A paz esteja convosco! Tal como o Pai Me enviou, também Eu vos envio.” Tendo dito isto, soprou e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo.”» (20, 21-22).

Outro aspecto fundamental de ser apóstolo é a *vocação*, ou seja, o chamamento. Foi assim desde o início, quando o Senhor Jesus «chamou a Si aqueles que Ele queria, e foram ter com Ele» (Mc 3, 13). Constituiu-os como grupo, atribuindo-lhes o título de “apóstolos”, para que permanecessem com Ele e para os enviar em missão (cf. Mc

3, 14; Mt 10, 1-42). Nas suas cartas, São Paulo apresenta-se assim: «Paulo, chamado a ser apóstolo», isto é enviado (1 Cor 1, 1), e ainda: «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser apóstolo, eleito para o evangelho de Deus» (Rm 1, 1). E insiste que é «apóstolo – não da parte dos homens nem por meio de um homem, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai, que O ressuscitou de entre os mortos» (Gal 1, 1); Deus chamou-o do seio de sua mãe para anunciar o evangelho entre os gentios (cf. Gal 1, 15-16).

A experiência dos Doze apóstolos e o testemunho de Paulo interpelam-nos também hoje. Convidam-nos a verificar as nossas atitudes, a verificar as nossas escolhas, as nossas decisões, com base nestes pontos fixos: tudo depende de uma chamada gratuita de



Deus; Deus escolhe-nos até para serviços que às vezes parecem exceder as nossas capacidades ou não corresponder às nossas expectativas; à chamada recebida como dom gratuito é preciso responder gratuitamente.

O Concílio diz: «A vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado» (Decr. *Apostolicam actuositatem* [AA], 2). Trata-se de uma chamada que é comum, assim como «comum é a dignidade dos membros, pela regeneração em Cristo; comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só salvação, uma só esperança e uma caridade indivisa» (LG, 32).

É uma chamada que diz respeito tanto aos que receberam o sacramento da Ordem, como às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, homens ou mulheres, é uma chamada a todos. Tu, o tesouro que recebeste com a tua vocação cristã, és obrigado a doá-lo: é a dinâmica da vocação, é a dinâmica da vida. Trata-se de uma chamada que habilita a desempenhar de forma activa e criativa a própria tarefa apostólica, no seio de uma Igreja na qual «existe diversidade de funções, mas unidade de missão. Aos Apóstolos e seus sucessores, confiou Cristo a missão de ensinar, santificar e governar em Seu nome e com o Seu poder. Mas os leigos, dado que são participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo» (AA, 2).

Neste contexto, como entende o Concílio a colaboração do laicado com a hierarquia? Como o entende? Trata-se de uma mera adaptação estratégica às novas situações que surgem? De modo algum, não: há algo mais, que supera as contingências do momento e que retém um seu próprio valor também para nós. A Igreja é assim, é apostólica.

No âmbito da unidade da missão, a diversidade de carismas e ministérios não deve dar lugar, no seio do corpo eclesial, a categorias privilegiadas: aqui não há uma pro-

moção, e **quando se concebe a vida cristã como uma promoção, isto é, aquele que está em cima comanda os outros porque consegue subir, isto não é cristianismo**. Isto é paganismo puro. A vocação cristã não é uma promoção para subir, não! É outra coisa. E há uma coisa grande porque, «ainda que, por vontade de Cristo, alguns são constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais, reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à actuação, comum a todos os fiéis, em favor da edificação do corpo de Cristo» (LG, 32). Quem tem mais dignidade, na Igreja: o bispo, o sacerdote? Não... todos somos cristãos ao serviço dos outros. Quem é mais importante, na Igreja: a religiosa ou a pessoa comum, baptizada, a criança, o bispo...? Todos são iguais, somos iguais e quando uma das partes se considera mais importante do que os outros e levanta um pouco o nariz, erra. Não é essa a vocação de Jesus. A vocação que Jesus dá, a todos – mas inclusive a quantos parecem estar em postos mais altos – é o serviço, servir os outros, humilhar-se. Se encontrares uma pessoa que na Igreja tem uma vocação mais elevada e tu a vês vaidosa, dirás: “Coitado”; reza por ele porque

não entendeu o que é a vocação de Deus. A vocação de Deus é adoração ao Pai, amor à comunidade e serviço. Isto é ser apóstolo, este é o testemunho dos apóstolos.

A questão da igualdade em dignidade pede-nos que repensemos muitos aspectos das nossas relações, que são decisivas para a evangelização. Por exemplo, estamos conscientes de que, com as nossas palavras, podemos lesar a dignidade das pessoas, arruinando assim as relações dentro da Igreja? Enquanto procuramos dialogar com o mundo, também sabemos dialogar entre nós, crentes? Ou na paróquia um vai contra o outro, um fala mal do outro para subir mais?

Sabemos ouvir para compreender as razões do outro, ou será que nos impomos, talvez até com palavras de veludo? **Ouvir, humilhar-se, estar ao serviço dos outros: isto é servir, isto é ser cristão, isto é ser apóstolo.**

Caros irmãos e irmãs, não tenhamos medo de nos pormos estas perguntas. Fugamos da vaidade, da vaidade dos postos. Estas palavras podem ajudar-nos a verificar o modo como vivemos a nossa vocação baptismal, como vivemos a nossa maneira de ser apóstolos numa Igreja apostólica, que está ao serviço dos outros. ✨



Os catequistas são verdadeiros apóstolos. IAM de Nespereira, Polvoreira e Tabuadelo.

Ir à escola de oração de Jesus

Jornadas Missionárias 2024

As Jornadas Missionárias deste ano vão realizar-se, como habitualmente, em Fátima, nos dias 21 e 22 de Setembro. Num ano dedicado à oração, em preparação para o Jubileu de 2025, as Jornadas serão sobre **A oração dos discípulos missionários de Jesus**.

A oração é o sustentáculo do discípulo missionário. **Sem oração, a vida cristã não se aguenta**. Porém, nem sempre sabemos rezar, ou rezar como precisamos. Em geral, na catequese aprendemos a doutrina cristã, mas não a rezar – a escutar e a criar intimidade com o nosso Mestre e Senhor. Nas nossas paróquias há muitas e meritórias actividades litúrgicas, caritativas e outras, mas raramente uma escola ou um grupo de oração. E, sem oração verdadeira muito do que fazemos perde a alma e o sentido.

Para aprender a orar, precisamos de ir à escola de Jesus. Os métodos podem ajudar-nos a estar com Ele e, se possível, a gostar da Sua presença. Todos precisamos de aprender a rezar ao ritmo da vida que nos é dado viver, das situações e estados de ânimo por que passamos. Como os discípulos

de Jesus, precisamos de Lhe pedir: **“Senhor, ensina-nos a rezar**, tal como João ensinou os seus discípulos” (Lc 11, 1). Em resposta a este pedido, Jesus ensinou-lhes o Pai Nosso (Lc 11, 2-4; Mt 6, 9-13), que supõe e implica uma relação filial e amorosa com Deus Pai.

O *Catecismo da Igreja Católica*, nos números 2626 a 2649, fala de cinco formas de oração cristã, a saber: (1) A oração de bênção e adoração; (2) A oração de petição; (3) A oração de intercessão; (4) A oração de acção de graças; e (5) A oração de louvor.

O Papa Francisco realça a dimensão missionária da oração de intercessão, que nos leva a abraçar as necessidades e anseios da humanidade e a fazer o que está ao nosso alcance para melhorar a sua sorte: “Há uma forma de oração que nos incentiva particularmente a gastarmo-nos na evangelização e nos motiva a procurar o bem dos outros: é a intercessão” (EG, 281).

A oração é o princípio da missão. A missão nasce do encontro com Jesus e nele se alimenta. A oração precede a acção. “A oração é a primeira ‘obra missionária’ – a primeira –, que cada cristão pode

e deve fazer, é também a mais eficaz, mesmo que isso não possa ser medido. De facto, o agente principal da evangelização é o Espírito Santo, e nós somos chamados a colaborar com Ele”, disse o Papa Francisco em 2018, numa mensagem gravada às Obras Missionárias Pontifícias (OMP).

Todo o verdadeiro encontro com Deus nos impele para a missão. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco explica o porquê: “Quando um evangelizador sai da oração, o seu coração tornou-se mais generoso, libertou-se da consciência isolada e está ansioso por fazer o bem e partilhar a vida com os outros” (EG, 282).

Este ano, na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, o Pontífice, depois de “convidar a todos para intensificarem também, e sobretudo, a participação na Missa e a oração pela missão evangelizadora da Igreja”, diz que **“a oração quotidiana e, de modo particular a Eucaristia, fazem de nós peregrinos-missionários da esperança**, a caminho da vida sem fim em Deus, do banquete nupcial preparado por Deus para todos os seus filhos”. ✚

Faça a sua inscrição em: <https://www.opf.pt/jornadas-missionarias/>

Animador das Jornadas

As Jornadas Missionárias terão como principal orador e animador o Padre Dinh Anh Nhue Nguyen, Secretário-Geral da União Missionária Pontifícia (UMP) e director do Centro Internacional de Animação Missionária (CIAM), em Roma, desde 2021. O Padre Anh Nhue tem 54 anos e é vietnamita. É sacerdote da Ordem dos Frades Menores Conventuais e membro da província religiosa de Varsóvia (Polónia). Formou-se em Engenharia Electrónica na Universidade Estatal de Tula, Rússia, em 1994. Depois de abraçar a fé, o Padre Anh Nhue obteve o Bacharelado em Teologia na Pontifícia Faculdade Teológica São Boaventura in Urbe (Seraphicum), em 2001, ano da profissão solene na Ordem dos Frades Menores Conventuais, e a Licenciatura em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Gregoriana, em 2003, ano da ordenação

sacerdotal. Em 2006, doutorou-se em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana. É investigador honorário na University of Divinity, Catholic Theological College, em Melbourne, Austrália, onde leccionou de 2006 a 2011. Foi Decano da Pontifícia Faculdade de Teologia de São Boaventura de 2016 a 2021 e Vice-Decano da mesma Faculdade de 2013 a 2016. É fundador e Director do Instituto Franciscano de Estudos Teológicos Asiáticos (FIATS), criado em 2015, na Pontifícia Faculdade Teológica São Boaventura. Entre 2016 e 2021 foi professor titular de Exegese e Teologia Bíblica na Pontifícia Faculdade Teológica São Boaventura e professor convidado na Pontifícia Universidade Urbaniana e na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. É autor de numerosos livros e artigos científicos e fala sete línguas.



A ORAÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Jornadas Missionárias 2024

Fátima, 21 e 22 de Setembro

PROGRAMA

SÁBADO, DIA 21 de SETEMBRO

9h30: Acolhimento e registo

10h00 – 1ª sessão: **A oração de Jesus, o enviado do Pai**

11h15 – Intervalo

11h30 – 2ª sessão: **O Pai Nosso, a oração missionária**

12h45 – Pausa para o almoço

15h00 – 3ª sessão: **A oração dos discípulos missionários de Cristo**

16h00 – Intervalo

16h30 – 4ª sessão: **Quatro maneiras de rezar: A oração de petição, a oração de intercessão, a oração de acção de graças e a oração de louvor**

18h00 – Espaço de oração

18h45 – Intervalo

19h00 – Eucaristia (para quem quiser)

19h30 – Jantar

21h30 – Terço e procissão das velas na Basílica

DOMINGO, DIA 22 DE SETEMBRO

9h00 – 5ª sessão: **A Eucaristia, fonte e cume da missão e da oração**

10h15 – Conclusões e fim dos trabalhos

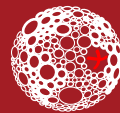
11h00 – Eucaristia no Santuário, presidida por D. Rui Valério, Patriarca de Lisboa

13h00 – Almoço e partida

Digitalize o QR e faça
a sua inscrição



Obras
Missionárias
Pontifícias



Um ‘pinheirito’ por amor de Deus

Era preciso muita coragem para empreender a construção de um grande seminário, em 1947, e, para mais, sem dinheiro. O P. Ângelo La Salandra, um dos pioneiros da Obra Comboniana em Portugal, que mais tarde viria a ser apelidado, no Brasil, de “O guerrilheiro de Deus”, estava a fazer o possível e o impossível para pôr de pé o primeiro seminário Comboniano em Viseu, quando um dia teve uma ideia. As pessoas da zona rural não eram ricas, como se podia ver pelos escassos resultados dos esgotantes Dias Missionários que faziam Domingo após Domingo, as muitas viagens e os numerosos sermões. A região estava cheia de pinhais: porque não pedir às pessoas um ou dois pinheiros para fazer o tecto do “Seminário das Missões”, como ficou conhecido na cidade e arredores?

O Padre Ângelo começou a bater a todas as portas pedindo um “pinheirito”, por amor de Deus. “Não é preciso que seja demasiado grande. Basta ter esta grossura”, e com as mãos mostrava a grossura que pedia, para não os desencorajar. “Virei pessoalmente cortá-lo e carregá-lo com um camião.” Toda a gente da região se disponibilizou generosamente a oferecer pinheiros para a construção.

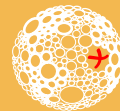
Acompanhado de um Irmão e de alguns operários, aparece para cortar as árvores prometidas, num determinado dia. As pessoas apontavam para pinheiros de proporções modestas, mas o P. Ângelo, fingindo não ver, dirigia-se aos maiores. Os primeiros doadores deixaram-no cortar os grandes, mas o homem da quarta família não conseguiu calar-se: “Padre, o senhor pediu um pinheirito e está a cortar o maior!” “Quando pedi um pinheiro desta grossura”, respondeu o Padre Ângelo, repetindo o gesto que tinha feito com as mãos, “referia-me à sua espessura em cima, não em baixo”. ✦

Padre Neno Contran
Missionário Comboniano



Ilustração por Ana Romão

CONHECE QUEM ESTARIA INTERESSADO EM RECEBER AS NOSSAS PUBLICAÇÕES?
ENVIE-NOS A SUA MORADA POSTAL E /OU O SEU E-MAIL. OBRIGADO!



Não perca o novo *Guião Missionário*!

O *Guião Missionário* para o ano pastoral de 2024-2025 já se encontra disponível nas dioceses e nos Institutos Missionários, para divulgação e distribuição por todo o Povo de Deus.

O *Guião* continua a ter um formato de bolso, este ano, com 176 páginas de texto. Como no ano passado, está organizado em três capítulos: reflexões, celebrações e orações diversas. As duas grandes novidades deste ano são as **reflexões bíblico-missionárias para cada Domingo e festa maior do**

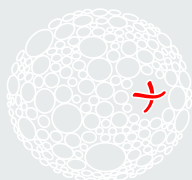
ano litúrgico (de Outubro de 2024 a Outubro de 2025) e uma **proposta de celebração para a adoração**.

O *Guião* foi concebido e realizado para nos acompanhar ao longo de todo o ano pastoral e nos ajudar a reflectir, celebrar e rezar, neste que é o Ano de Oração em preparação para o Jubileu de 2025.

Para obtê-lo podeis pedi-lo directamente aos Institutos Missionários, aos Directores Diocesanos e/ou aos Centros Missionários das dioceses.

É um subsídio muito rico. Pedimos por ele uma oferta mínima de 1.50 euro. Vale bem a pena comprá-lo e até oferecê-lo aos familiares e amigos!

Obrigado por nos ajudardes a fazê-lo chegar a todos! Que ele possa verdadeiramente ser um instrumento de encontro com Deus!



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP
Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missio.omp@gmail.com
NIPC: 501132619
Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 • I.S.S.N. – 1647 – 9203
Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes
Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca da Caparica
<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web
Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:
Lusa; Arquivo OMP; João Fernandes



No momento de fazer o seu testamento, pense na Igreja!

Se não tem familiares próximos e tem dúvidas a quem deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de legar parte deles para ajudar as Igrejas mais jovens e pobres noutros continentes. Nesse caso, pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé – o nosso nome oficial – especificando a Obra a que se destina: Obra da Propagação da Fé, Obra da Infância Missionária, Obra de S. Pedro Apóstolo, ou Obra da União Missionária Pontifícia. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP
N° Conta: 23521434
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05
IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Pedimos que as ofertas para a Obra da **Infância e Adolescência Missionária** sejam enviadas para a conta do Banco Invest, com o seguinte **IBAN**:

PT 50 0014 0000 0519124710146

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

Donativos por MBWAY
Obras Missionárias Pontifícias
[910 281 248]

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.